



UniCEUB – Centro Universitário de Brasília
FACE – Faculdades de Ciências da Educação
Curso: História
Monografia

Os sentidos da retomada de Manoel Bomfim no século XXI

Sidinilha Sampaio de Almeida

Orientadora: Professora Dr.^a Rosana Ulhôa Botelho

Brasília
2006

“É de causar surpresa a coerência e a lúcida rebeldia de Bomfim, e o fato, tão raro como admirável, de ter ele dedicado sua vida ao projeto que julgava ser imprescindível ao nosso esforço de auto-superação: a instrução básica, popular e plena”.

(Ronaldo Conde Aguiar, O Rebelde Esquecido)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, por terem sempre me apoiado as decisões. Dedico, de forma mais que especial, a minha querida mãe, que nunca poupou esforços para me ajudar na realização de todos os meus objetivos.

Dedico também aos amigos que fiz na faculdade, principalmente a Fernanda de Moraes, que sempre me apoiou, e Antônio Carlos do Patrocínio, pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

Agradecimentos

Agradeço, de forma especial, a minha orientadora, professora Doutora Rosana Ulhôa Botelho, por sua incansável dedicação e presteza no auxílio às atividades desenvolvidas e por me fazer descobrir o prazer da pesquisa. Parabenizo-a por seu espírito inovador e empreendedor responsável por multiplicar seus conhecimentos e incentivar seus alunos e orientandos.

Agradeço ao professor Rubens Câmara por sua vocação inequívoca; por não poupar esforços para formar bons professores; por me fazer acreditar na educação como caminho para a redenção nacional e por ser um educador nos moldes da autodefinição de Paulo Freire “...um educador acima de tudo porque sente amor”. O Professor Rubens Câmara foi quem lançou as diretrizes da professora que pretendo ser, e esta será sempre minha maior gratidão.

Por fim, agradeço a Antônio Carlos do Patrocínio, pela importante ajuda que me foi dispensada, não somente na execução desta monografia, mas também durante todo o curso. Antônio Carlos, com seu espírito alegre, jamais me deixou desanimar, com ele pude compartilhar vários momentos significativos da minha vida acadêmica.

Sumário

Introdução.....	6
Biografia do autor.....	6
Capítulo I - Olhares históricos.....	13
Uma teoria Biológica da Mais Valia.....	13
Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido.....	17
Da educação a Revolução: Radicalismo Republicano em Bomfim.....	22
Capítulo II – Olhares sociológicos.....	28
O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim.....	28
Manoel Bomfim: O Rebelde Esquecido.....	34
Capítulo III – Olhares Cruzados.....	41
Manoel Bomfim, antropólogo.....	41
Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX.....	42
Radicalismos.....	43
<i>A questão nacional na Primeira República.....</i>	<i>46</i>
<i>Manoel Bomfim e Euclides da Cunha:vozes dissonantes aos horizontes do progresso</i>	<i>48</i>
Conclusão.....	51
Bibliografia.....	53

Introdução

Manoel José do Bomfim (1868-1932) nasceu em Aracaju, Sergipe foi o sexto dos treze filhos de Paulino José, um vaqueiro que, posteriormente, tornou-se dono de loja e de engenhos, ao lado da esposa, Maria Joaquina.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1886. Lá tornou-se amigo pessoal de Alcindo Guanabara (1865-1918), que o apoiou na decisão de concluir os estudos no Rio de Janeiro, para onde migrou em 1888. Obteve o diploma em 1890 e logo começou a exercer a profissão, tendo sido médico da Secretaria de Polícia e tenente-cirurgião da Brigada Policial, de 1891 a 1892.

Em 1893, foi viver em Mococa, no interior paulista. De acordo com Ronaldo Conde Aguiar, esta saída da então Capital Federal ocorreu devido a perseguições políticas. Bomfim junto com Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos, José do Patrocínio, assumiram posições antimilitaristas e apoiaram eleições imediatas para presidente, contra a permanência de Floriano Peixoto (1839-1895) no poder.¹

Em 1894, publicou artigos nos jornais *Correio do Povo* e *O Republicano*. No final do século XIX e início do século XX, Manoel Bomfim era freqüentador das palestras na Livraria Garnier, dos Cafés e das conferências do Instituto Nacional de Música. Além disso, participava da roda boêmia de Coelho Neto (1864-1934). Nas palavras do próprio Manoel Bomfim:

“A vida da boêmia era feita nos cafés, para onde se ia depois do trabalho no jornal. Não podendo ficar no Java ou no Londres após o trabalho de redação, ao lado dos companheiros, levava-os Coelho [Neto] para sua casa, onde ficavam todos até alta madrugada. Quando era, por qualquer motivo, obrigado a ficar em casa, eles iam para lá, reconstituindo a roda como em qualquer café da cidade.”²

¹ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000. p.135

² CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*, vol. II. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954. p.102.

Em 1895, Manoel Bomfim foi apresentado pelo amigo Alcindo Guanabara, que era deputado federal naquele momento, ao então Prefeito do Distrito Federal, Werneck de Almeida. Este o convidou para o cargo de subdiretor do Pedagogium, um instituto dedicado a promover pesquisas na área da educação. Foi nomeado em 1896 e no mesmo ano passou a atuar como redator e secretário do jornal *A República*. Em artigo de 1897, fez crítica à política de instrução popular dizendo que:

“Todos os governos das nações cujas condições políticas mais se aproximam das nossas, intervêm na organização moral e política da escola primaria e contribuem largamente para a instrução popular. (...) O não conheço é país onde o governo central se despreocupe tão absolutamente da instrução primária como entre nós; não sabendo o que o povo aprende nem se há escolas, nem o que nelas se ensina; não concorrendo com um ceítíl para a instrução do povo, ignorando, por inteiro, tudo o que a isto se refere”.³

Uma das principais características que marcou a trajetória intelectual de Manoel Bomfim foi sua preocupação com instrução pública. Em 1898, ingressou no magistério ensinando Moral e Cívica na Escola Normal, onde logo começou a dar aulas de Pedagogia e Português. Dirigiu a Escola por um curto período (de maio a outubro), até que, no mesmo ano, substituiu Medeiros e Albuquerque na Diretoria da Instrução Pública onde permaneceu até 1900, a convite do novo Prefeito, Cesário Alvim (1839-1903). No ano seguinte passou a fazer parte do Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal.

Ainda em 1899, publicou o Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias, escrito em parceria com Olavo Bilac (1864-1934), com quem ainda escreveria dois livros. Iniciava, com este trabalho, uma série de publicações relativas à educação, que incluíam livros contendo compilações de outros autores, didáticos, paradidáticos e estudos teóricos.

Em 1901, foi redator de *Leitura para todos* (1904) e colaborou com os jornais: *A Notícia*, *Tribuna*, *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *A Nação*, *A Academia*, *O Correio da*

³ BOMFIM apud AGUIAR, op. cit., p.128. O trecho foi extraído do artigo *Instrução popular*, publicado no jornal *A República*, em 02/09/1987, posteriormente publicado no livro *Cultura e educação do povo brasileiro* (1392).

Semana, Correio do Brasil, A Crônica e A Rua. E revistas: Ilustração Brasileira, Os Annaes e Kosmos.

Em comissão pedagógica nomeada pela Prefeitura, seguiu para a Europa em 1902, onde estudou psicologia com Alfred Binet (1857-1911) e George Dumas (1866-1946). Retornou ao Rio em 1903 e montou no Pedagogium um dos primeiros laboratórios de psicologia experimental do Brasil. No ano seguinte, apoiou a criação da Universidade Popular de Ensino Livre (UPEL), ligada ao Partido Operário Independente, de inspiração anarquista.

Em 1905, foi convidado pelo Prefeito Pereira Passos (1836-1913) para assumir novamente a Diretoria da Instrução Pública, exercendo o cargo até 1907, quando foi nomeado deputado federal por Sergipe. Sua curta atuação como deputado foi inteiramente dedicada a causa da instrução pública.

Ainda em 1905, Bomfim se envolveu com um empreendimento editorial que iria ter uma enorme repercussão na vida cultural brasileira. Ele e o jornalista Renato de Castro e o poeta Cardoso Júnior, ele desenvolveu o projeto de uma revista semanal voltada para o público infantil, que veio a se chamar *O Tico-Tico* e passou a circular no mesmo ano, com o apoio de Luís Bartolomeu (1866-1932), proprietário da Sociedade *O Malho*, tornando-se um fenômeno de vendagem. Com preocupação pedagógica, a revista tornou-se conhecida por seus concursos, pela publicação de novelas infanto-juvenis, pela correspondência enviada por crianças, pelas charadas e ilustrações.⁴

No mesmo ano, Bomfim publicou pela livraria Garnier, *A América Latina: males de origem*, um ensaio escrito durante o tempo em que viveu na França, com amplo uso de categorias explicativas extraídas das ciências naturais. O objetivo era explicar as razões do atraso das nações latino-americanas, cujos “povos possuem todos os elementos para ser prósperos, adiantados e felizes, e que, no entanto, arrastam uma vida penosa e difícil”. Nas

⁴ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000. p .369-374.

palavras do autor, o livro era um “estudo de parasitismo social” em busca da “causa efetiva” dos males que atingem as ex-colônias ibéricas na América. Tal causa derivaria do “parasitismo” da metrópole sobre a colônia.⁵

Este é considerado seu livro mais polêmico, entre outras coisas, por ter suscitado a crítica furiosa de Silvio Romero (1851-1914), um dos mais conhecidos críticos literários do período, para quem “só a geral ignorância do mundo legente no Brasil pode explicar a atenção despertada por um livro tão mal feito, tão falso, tão cheio dos mais grosseiros erros”.⁶ Mas, encontrou opiniões favoráveis, como a de José Veríssimo (1857-1916), outro importante crítico do período que afirmou que *A América Latina* “não é banal, nem medíocre”, sendo o seu autor um “espírito culto, uma inteligência iluminada”, que fora capaz de provocar discussão.⁷

Segundo Ivonne Bertonha,⁸ a obra de Manoel Bomfim, como a de todos os seus contemporâneos, percorreu um itinerário temático: a questão da identidade nacional. Na virada do século, porém, a questão nacional estava relacionada à seguinte indignação: era possível existir uma nação brasileira constituída majoritariamente de negros, índios e mestiços? A ciência dizia que essa gente era inatamente inferior e incapaz, essa teoria era aceita plenamente pelo pensamento social e político dominante. Manoel Bomfim, ao contrário dos ícones do seu tempo, respondeu a esta pergunta negando a existência da questão racial. Segundo ele, o racismo científico era um instrumento de dominação e a questão nacional somente seria resolvida quando a sociedade brasileira superasse as barreiras decorrentes da sua formação colonial.

⁵ BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem. O parasitismo social e evolução*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.p.50.

⁶ ROMERO, Silvio. *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim*. Porto: Chardron, 1906. p.92.

⁷ VERÍSSIMO, José. Livros e autores de 1903 a 1905. In: *Estudos de literatura brasileira*, 6º. Serie. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo: USP, 1977, p.126-7.

⁸ BERTONHA, Ivonne. *Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado em História do Brasil, 1987, p.45.

Em 1910, Bomfim foi novamente comissionado pelo governo municipal para estudar a organização do ensino profissional na Europa, para onde embarcou, retornando em 1911, para retomar o cargo de diretor do Pedagogium. Pouco antes de viajar, ele publicou, em parceria com Olavo Bilac, *Através do Brasil*, um livro de leitura para o curso médio das escolas primárias que, até 1962, teve sessenta e seis edições.

“A escola primária deve ensinar muito mais do que aqui se contém, e muito mais do que se possa conter em qualquer livro de leitura. Quando a pedagogia recomendada que as classes primárias elementares não tenham outro livro além do de leitura, não quer dizer com isso que nesse livro único se incluam todas as noções e conhecimentos que a criança pode adquirir”.⁹

No ano de 1912, Bomfim tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Sergipe e três anos depois, em 1915, participou da recém criada Liga Brasileira pelos Aliados contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro – presidida por Rui Barbosa (1849-1923). No mesmo ano passou a integrar a Sociedade Brasileira de Homens de Letras, cujo objetivo era, entre outras coisas, defender os interesses econômicos e sociais de seus membros, estimulando a publicação de trabalhos, realizando concursos, conferências, etc., além de promover a criação de leis em benefício do mundo literário e artístico.

Em 1929 Manoel Bomfim publicou *O Brasil na América*, primeiro livro de uma série composta por três obras destinadas a analisar a evolução histórica e política da sociedade brasileira. Em março de 1931, publicou *O Brasil na história*, segundo livro da série sobre a formação da sociedade brasileira. Nessa obra elaborou uma extensa e minuciosa crítica à historiografia brasileira e à visão dos viajantes e estudiosos estrangeiros acerca do Brasil. Em outubro de 1932, *O Brasil Nação* chegou às livrarias. Segundo Bertonha nessa obra Bomfim percebeu que as elites dominantes jamais facilitariam um projeto de educação pública; defendeu então a necessidade prévia de uma revolução nacional e popular, que alterasse a dinâmica social. Bomfim não elaborou como desejava

⁹ BOMFIM, Manoel & BILAC, Olavo. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. 66^o. Ed. Em 1962. Publicado em São Paulo, pela Companhia das Letras, 2000. Coleção Retratos do Brasil.

Antonio Candido, uma “teoria da transformação das estruturas sociais”, mas apontou o caminho.

Segundo Ronaldo Conde, a produção de Bomfim foi bastante eclética, revelando autodidatismo e integração no meio editorial de sua época. Seus livros foram publicados pela Garnier (3) e pela Francisco Alves (10), duas das principais editoras do período. Autor de trabalhos sobre educação e ensino, também escreveu sobre zoologia e botânica, psicologia e psiquiatria.

Manoel Bomfim morreu em 1932, vítima de câncer de próstata, após passar por dez cirurgias. Segundo seus biógrafos ele se recusou a receber morfina, pois acreditava que a medicação poderia comprometer sua capacidade de pensar.

Desde a publicação de seu último livro em 1931, Manoel Bomfim e sua obra ficaram esquecidos com exceção do seu livro didático *Através do Brasil* que foi reeditado 66 vezes. Bomfim e sua obra não ocuparam nenhum espaço de relevância entre os principais pensadores do processo de formação social brasileiro, mesmo sendo ele o primeiro autor a apresentar um discurso contrário ao pensamento dominante da entrada do século XX, demonstrando que o atraso do país não se justificava por motivos de mestiçagem e sim por problemas sociais.

A partir da década de 1980 os livros de Bomfim foram reeditados e diversas teses no âmbito de pós-graduação nas áreas de História e Sociologia foram produzidas tendo como tema central de suas pesquisas Manoel Bomfim e sua produção intelectual.

Tal retomada do autor e de suas obras dá o que pensar. Por isso, a presente pesquisa tem como objeto os sentidos atribuídos à obra do autor nos trabalhos a ele dedicados a partir dos anos de 1980 até 2003, data da edição do último trabalho que o tematiza. Portanto, devido a recente redescoberta de Manoel Bomfim e sua obra o objetivo dessa pesquisa é compreender *como e porque* Manoel Bomfim está sendo relido.

A presente pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro traz a análise de três dissertações de mestrado sobre Manoel Bomfim realizadas por historiadores. No segundo a análise se detém nas obras sobre Bomfim de dois sociólogos (uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado). Por fim o terceiro capítulo traz artigos produzidos e publicados no mesmo período por intelectuais membros da academia ou de instituições de pesquisa, alguns dos quais são referências constantes nos estudos sobre história das idéias no Brasil.

Capítulo I – Olhares históricos

Uma teoria biológica da mais valia?

O estudo de Flora Süssekind e Roberto Ventura, *Uma teoria biológica da mais valia?*¹⁰, foi apresentado durante o curso de mestrado em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Posteriormente, foi publicado no livro *História e Dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*¹¹. É uma obra frequentemente citada entre os estudiosos de Bomfim, sendo que, alguns, se referem a ele como “o melhor”¹² ou “o mais sólido e penetrante”¹³ estudo sobre esse autor.

O objetivo dos autores é colocar a obra de Bomfim em discussão, investigando os motivos pelos quais ela ficou esquecida. A análise resume-se aos livros: *A América Latina* (1905), *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e *O Brasil Nação* (1931), com destaque para o primeiro livro, de onde os autores extraem os elementos que, segundo eles, caracterizariam o trabalho de Bomfim e ajudariam a compreender as razões de seu esquecimento.

A análise desenvolvida por Süssekind e Ventura é composta por uma antologia de textos extraídos dos livros de Bomfim citados acima. Esta seleção está organizada em seis partes, que contribuem para a divulgação das idéias de Bomfim sobre a história e a historiografia, a questão da raça e da miscigenação, o parasitismo, o papel do Estado, a educação, a revolução e a revolução de 1930.

Na definição de Süssekind e Ventura;

¹⁰ SÜSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. *Uma teoria biológica da mais valia?* (Análise da obra de Manoel Bomfim). Rio de Janeiro: Divisão de Intercâmbio e Produções da Pontifícia Universidade Católica, 1979.

¹¹ SÜSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. *Uma teoria biológica da mais valia?* (Análise da obra de Manoel Bomfim). In: _____. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Moderna, 1981, p.9-59.

¹² CÂNDIDO, Antônio (n.1918). Radicalismos. *Estudos Avançados*, jan./abr., 1988. p.10.

¹³ IGLÉSIAS, Francisco. Segundo momento: 1838-1931. In: *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p.157.

“Bomfim foi historiador e ensaísta do início deste século, pouco divulgado na história intelectual brasileira. Personagem enigmático, Bomfim era capaz de provocar querelas com Silvio Romero e Rui Barbosa e de recusar a indicação para a Academia Brasileira de Letras, tão cobiçada naquele tempo.”¹⁴

Causa estranhamento em seus interpretes que um intelectual tão polemico à sua época fosse relegado a uma posição de pouco destaque nos anos que se seguiram à sua morte. Segundo Ventura e Sussekind a hipótese que ajudaria a explicar o esquecimento de Bomfim e, ao mesmo tempo, justificar o interesse recente por ele é que;

“ Seu texto é um contradiscurso, um discurso crítico que se elabora no interior do próprio discurso ideológico dominante, como o seu negativo, a sua contradição. (...) As categorias utilizadas pelo autor, extraídas das ciências da natureza e aplicadas à análise do social, não permitiu que ele, efetivamente, construísse uma linguagem capaz de romper com a ideologia dominante em sua época, sendo pouco compreendido em seu tempo e ultrapassado posteriormente.”¹⁵

Os autores creditam ao texto a capacidade de delimitar o horizonte de sua própria recepção. Com isso, as razões do esquecimento de Bomfim são buscadas em seu próprio texto. Assim, a “ambigüidade do autor” demonstrada através da oscilação entre a crítica do paradigma racial/biológico dominante e a produção de uma interpretação marcada metaforicamente pelo uso da metáfora do “parasitismo social” teria propiciado resistência e progressivo esquecimento de sua obra. Sússekind e Ventura afirmam que,

“A nebulosidade do objeto e da linguagem tornam nebulosa a própria recepção desse texto. Sua ruptura torna-se estranheza. A tentativa de definição, ambigüidade. A opacidade que o objeto e a investigação oferecem a Bomfim, transfere-se ao leitor na leitura de seu texto. O que explica a ambígua e indefinida posição que lhe coube na história intelectual brasileira”.¹⁶

De acordo com os intérpretes, a característica do texto de Bomfim que ajuda a justificar seu esquecimento é, justamente, essa “ambigüidade”, responsável pela situação intermediária que ele ocuparia: entre uma linguagem científica “velha”, em vias de superação que prega a homologia entre o biológico e o social e uma “perspectiva nova”,

¹⁴ SÚSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. Uma teoria biológica da mais valia? (Análise da obra de Manoel Bomfim). In: _____. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Moderna, 1981, p.3.

¹⁵ SÚSSEKIND e VENTURA, op. cit., p. 14-15.

¹⁶ *Ibidem*, p.56.

contrária à utilização de noções da biologia na análise da sociedade; entre o pensamento cientificista marcado pelos determinismos do meio e da raça e sua posterior ruptura, quando o econômico e o cultural passaram a ocupar maior espaço.

Contudo, Sússekind e Ventura afirmam que, “Bomfim antecipou, em 1905, as colocações que Gilberto Freyre faria em 1933, sobre o papel das relações produtivas e da cultura na compreensão do social.”¹⁷

A associação entre Freyre e Bomfim remete para o modo como ambos lidaram com o tema da miscigenação. Os autores lembram que a noção de *plasticidade* presente em Freyre era utilizada por Bomfim em *A América Latina* (1905). Ele a relacionava ao “poder de assimilação” dos povos. Além disso, no capítulo “O cruzamento na formação da população brasileira”, do livro *O Brasil na América* (1929), Bomfim explorou o terreno da miscigenação pelo viés da biologia, mas, também destacou aspectos relativos à cultura, outro tema caro ao autor de *Casa Grande & Senzala*.¹⁸ Afirmar que Bomfim antecipara Freyre contribui para classificá-lo como um precursor.

Sússekind e Ventura concluem que a utilização de metáforas biológicas não teria conduzido Bomfim ao travamento de sua interpretação sobre a sociedade. Pelo contrário, segundo eles,

“O uso da metáfora é que lhe permitiu ultrapassar a perspectiva biologizante, não na linguagem, mas na aplicação de um tipo de análise da sociedade capaz de destravar um quadro teórico marcado pelos determinismo”.¹⁹

De acordo com Sússekind e Ventura,

“Embora adote um método genético de explicação do presente, aproximando-se de outros “ideólogo do caráter nacional” que moldam o histórico a partir do peso do

¹⁷ SÚSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. Uma teoria biológica da mais valia? (Análise da obra de Manoel Bomfim). In: _____. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Moderna, 1981. p. 54.

¹⁸ *Ibidem*, p. 54-55.

¹⁹ *Ibidem*, p. 22.

passado, é na espreita de um abalo da cadeias que entrelaçam o presente ao passado que se situa Bomfim”.²⁰

Outro ponto a ser ressaltado, refere-se à associação estabelecida entre as idéias de Manoel Bomfim e as de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). De acordo com Sússekind e Ventura, a metáfora do “parasitismo social” utilizada por Bomfim é aplicada ao estudo das classes sociais e das relações entre nações, a fim de dar conta das situações de dependência, compreendidas em termos de produção e apropriação de valor. Daí a referência à presença de uma “teoria biológica da mais valia” no pensamento do autor.

Essa leitura que associa as idéias de Bomfim às de Marx e Engels, constitui um aspecto importante da memória construída sobre ele, que o relaciona a um *pensamento de oposição* ou de esquerda. Sússekind e Ventura lembram que ainda que o próprio Bomfim faz referências explícitas aos autores alemães, assim como a outros ideólogos do socialismo e do anarquismo, isso não significa que ele compartilhe com tais autores de um mesmo ponto de vista. Tais referências feitas são indício de apropriações e não de cópia ou transposição fiel das idéias. Segundo Sússekind e Ventura, quando estas referências são destacadas pelos leitores de Bomfim, sendo continuamente reafirmadas ou lembradas ao longo do tempo, contribuem para o estabelecimento de um *lugar* para o autor como um *pensador de oposição* em relação a tudo àquilo que se considera como *dominante*, seja no âmbito das idéias, da política, da educação.²¹

Quando, junto com a referência aos *autores e idéias de oposição*, o momento em que Bomfim escreve é destacado, como um período em que tais idéias constituem exceção, a leitura dele como um *pensador de oposição* ganha uma importância ainda maior, pois o transforma em alguém *à frente de seu tempo, inovador, precursor, outsider, opositor da ideologia dominante*.²²

²⁰ SÚSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. Uma teoria biológica da mais valia? (Análise da obra de Manoel Bomfim). In: _____. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Moderna, 1981. p. 55

²¹ Ibidem, p.56.

²² Não acredito que Bomfim estava à frente de seu tempo. Porque se estivesse seria de se esperar que sua obra fosse colocada posteriormente na galeria dos “precursores”, das “exceções”, o que de fato não ocorreu. Acredito que ele teve a capacidade de enxergar com uma extraordinária clareza os problemas que o Brasil atravessava. Problemas estes que ainda hoje, quase cem anos depois, permanecem sem solução.

Um último aspecto, que serve indício para se pensar na construção da memória sobre Bomfim, refere-se à análise de duas categorias presentes em seus textos: a *paixão* e o *interesse*. Os autores observam a associação, feita pelo autor, entre ciência e afeto, com a utilização da *paixão* como instrumento para explicitar as motivações e os *interesses* mascarados pelas práticas científicas pretensamente neutras. Uma das marcas de Bomfim (também destacada por outros intérpretes) seria, justamente, a preocupação em denunciar o *interesse* por trás das práticas científicas e defender a explicitação do mesmo. Esta postura assumidamente parcial diante da ciência de seu tempo seria uma característica a ser lembrada desse autor, cuja imagem é mais uma vez confirmada como a de alguém crítico o suficiente para ser tomado como um *pensador de oposição*.

Observo que o destaque dado ao *esquecimento* do autor ; a sua *ambigüidade*; à aproximação com as idéias de Marx e Engels; e à defesa da explicitação das *paixões* e dos *interesses* como pressuposto para a prática científica, contribui para a afirmação de uma determinada memória sobre Manoel Bomfim. Essa memória pode ser caracterizada pela representação de um *autor esquecido* devido a sua *capacidade crítica* associada a certa *ambigüidade* derivada do uso de uma *linguagem ultrapassada*. Afirma, também, o lugar desse autor entre os *pensadores de oposição* ao discurso dominante.

Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido

Ivonne Bertonha escreveu a primeira dissertação de mestrado em História sobre o autor em questão, em 1987.²³ Seu objetivo era contextualizá-lo, procurando identificar elementos que pudessem ser considerados relevantes para os estudos historiográficos na atualidade. A intérprete identifica em Bomfim uma “visão histórica naturalista”, caracterizada pela percepção de que existiria uma evolução “natural” das sociedades, orientada pela potencialidade de riqueza, pela contribuição das ciências, pelo “trabalho inteligente”, pelo desenvolvimento cultural e pela educação. O autor compartilharia do idealismo ditado pela burguesia, ao defender que as sociedades americanas egressas da

²³ BERTONHA, Ivonne. *Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado em História do Brasil, 1987.

colonização deveriam seguir os moldes clássicos das nações que passaram pelas revoluções burguesas. Porém, ao contrário de seus contemporâneos, cujo ideal burguês de evolução teria sido guiado pelos determinismos do meio e da raça, Bomfim apresentaria este mesmo ideal ilustrado que estabelece um caminho único para o progresso só que orientado por relações históricas.

Sobre o esquecimento do autor Bertonha afirma;

“O manto de silêncio que cobriu o autor está relacionado ao seu posicionamento crítico, que gerou certo incômodo no meio intelectual de sua época. Bomfim é um dos precursores de uma interpretação crítica do Brasil.”²⁴

Sua originalidade é destacada, sobretudo, devido a sua “capacidade de desvendar o sentido do pensamento dominante”, no que dizia respeito às explicações para o atraso do país. Sua análise é considerada “*sui generis*” e “rara” por ser capaz de, no início do século, associar conteúdos históricos à crítica do pensamento conservador, daí a relevância desse “intelectual combativo e polêmico”.²⁵

Bertonha faz referências a Flora Süssekind e Roberto Ventura quando afirma que,

“Bomfim não chegou a elaborar um quadro teórico novo, com uma conceituação própria. A inovação do autor está em apresentar as contradições da teoria da desigualdade das raças, relacionando-as aos fatos históricos.”²⁶

Também, compreende que ele confere ao conceito de parasitismo um sentido independente do seu conteúdo biológico particular, ampliando-o ao aplicá-lo às relações sociais que se desenvolveram a partir do processo histórico de colonização. Outro ponto destacado como inovador, refere-se à ênfase dada à relação entre as “formas de produção” e os “aspectos científicos e culturais”.²⁷

²⁴ BERTONHA, Ivonne. *Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado em História do Brasil, 1987. p. 27

²⁵ BERTONHA, Ivonne. Op. cit. p. 25-33.

²⁶ Ibidem, p. 45.

²⁷ Ibidem, p. 89-112.

A autora mostra a *questão nacional* como objeto principal do trabalho de Bomfim. Assim como, observa a preocupação do autor em analisar as contradições sociais, sempre utilizando categorias polares, tais como: parasitas e parasitados, oprimidos e opressores, explorados e exploradores etc. Segundo Bertonha, esta forma de argumentação seria indício da percepção do autor sobre a existência de conflitos de classe, cujos interesses seriam irreconciliáveis.²⁸

Contudo, afirma que ele não teria percebido as diferenças históricas do processo de implantação da ordem burguesa, desconsiderando a colonização como uma necessidade das relações capitalistas. Ao mesmo tempo, afirma que sua perspectiva histórica o teria ajudado a compreender as diferenças de progresso existentes em sua época. Diferenças analisadas por meio da observação da situação de Portugal na divisão internacional do trabalho e das relações entre metrópole e colônia, com destaque para as relações de produção e a explicação da origem da dependência colonial, a partir da qual o atraso nacional teria sido pensado.²⁹

Assim como Süssekind e Ventura, Bertonha também identifica pontos de semelhança entre a perspectiva de Bomfim e a de Marx e Engels. Porém, os pontos de semelhança destacados referem-se à percepção de que a história, no mundo moderno, ultrapassaria as fronteiras nacionais, ou seja, o autor brasileiro se assemelharia aos pensadores alemães apenas por supor a existência de um caráter universal das relações sociais.³⁰

Bertonha avalia o *avanço* e os *limites* das idéias de Bomfim, cujas qualidades humanísticas associadas à ilustração burguesa são destacadas. Faz referência à “ambigüidade” do autor, especificamente localizada no raciocínio e em sua postura política em relação ao Estado. Ele não teria conseguido romper totalmente com o Estado que criticava, pois, ao mesmo tempo em que afirmava a incapacidade dos grupos ligados a essa

²⁸ BERTONHA, Ivonne. *Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado em História do Brasil, 1987. p. 47-87

²⁹ *Ibidem*, p.58-69.

³⁰ *Ibidem*, p. 67.

instituição para promover transformações de ruptura com o passado, lhes dirigia propostas de reforma.³¹

A autora compara Caio Prado Júnior a Manoel Bomfim. Ambos teriam elaborado interpretações a partir da *questão nacional*. O que, embora seja um tema freqüente entre a intelectualidade brasileira, sobretudo, a partir dos anos 1920, é considerado por Bertonha como indício suficiente para aproximar dois autores distantes no tempo. Os dois também teriam utilizado um mesmo repertório conceitual, cujos exemplos citados são: o dualismo, expresso pela construção de dicotomias do tipo colônia/metrópole, atraso/progresso, etc.; a valorização das raças que compõem a população brasileira; a atenção dada aos processos tecnológicos aplicados à produção; e a defesa de valores morais aplicados à administração pública.³²

Segundo a autora, ambos, além de expressarem idéias nacionalistas, teriam projetado “as mesmas perspectivas em relação à história do Brasil”. Suas análises não apresentariam contradições de fundo, distinguindo-se por nuances exemplificadas pela linguagem, influências e rigor teórico. Conclui que a obra de Prado Júnior propusera uma interpretação mais elaborada da história, retomando conceitos de Bomfim. A obra desse último, embora “praticamente desconhecida”, teria sobrevivido através da obra de Prado Júnior, autor que, por sua vez, teria influenciado “a grande maioria dos estudos posteriores de História do Brasil”. Assim, “praticamente incógnita, sua obra [de Bomfim] permanece viva, por ter sido a fonte onde beberam posteriormente muitos historiadores”.³³

A atualidade e a singularidade do pensamento de Bomfim são aspectos que podem ser destacados no trabalho de construção da memória sobre ele realizado por Bertonha. Observo um movimento que procura caracterizar um autor, considerando-o relevante para a atualidade, contribuindo para que ele tenha um lugar entre outros pensadores num momento situado além do seu próprio tempo.

³¹ BERTONHA, Ivonne. *Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado em História do Brasil, 1987. p. 126-127..

³² *Ibidem*, p.127-8.

³³ *Ibidem*, p17-128.

A autora considera a proposta de Bomfim “rara”, não por ser a única, mas por ser suficientemente crítica para se opor ao pensamento conservador dominante. Diz que “o método de Bomfim é atuante, vivo, oposto ao dos historiadores de gabinete”³⁴. Esta proposta é interpretada como sendo a expressão da valorização do *real* (a história) em relação às teorias deterministas, expressão da “ideologia conservadora”. Assim, temos a oposição *real* (história) *versus* *ideologia* (teorias deterministas), identificada no texto de Bomfim, compondo a imagem de um *pensador militante*.³⁵

Ao longo de todo o texto observa-se o esforço no sentido de situar Bomfim em relação a um contexto que pode ser resumido à *luta de classes*, às *relações capitalistas de produção*, à *militância política* e à oposição história *versus* ideologia, acima citada. A leitura assim construída contribui: 1º) para a afirmação de uma memória sobre o autor como um *pensador militante e de oposição*, o que, embora seja construído de modo diferente, se aproxima da interpretação de Flora Süssekind e Roberto Ventura; 2º) para que as idéias de Bomfim sejam consideradas como *ambíguas* (no caso da posição do autor em relação ao Estado) ou *incompletas* (por não darem conta das relações capitalistas de produção e do processo de implantação da ordem burguesa no Brasil), sendo que isso ocorre porque tais idéias não correspondem à perspectiva da intérprete, que é orientada pela busca de compreensão das relações de produção, a partir de um ponto de vista marxista.³⁶

Bertonha afirma,

“Não é estranho que num país reconhecido, pela própria intelectualidade, como “pobre de idéias”, qualquer questionamento maior, como é o caso de Manoel Bomfim, tenha permanecido isolado e sem repercussão”.³⁷

Resumindo, a memória sobre Bomfim construída pelo estudo de Bertonha é marcada pelos seguintes aspectos: trata-se de um autor *singular*, cujo discurso crítico autoriza situá-lo como um *pensador de oposição e ambíguo*, no que diz respeito ao

³⁴ BERTONHA, Ivonne. *Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado em História do Brasil, 1987. p.7-8-9.

³⁵ *Ibidem*, p. 8-9.

³⁶ Bertonha apresenta Lukács – *Marxismo e teoria da literatura* (1968) – como seu referencial teórico, p.24.

³⁷ *Ibidem*, p. 128

posicionamento político ora adepto de uma ideal burguês ilustrado, defensor de reformas e de uma “visão naturalista da história”. Um pensador com espaço na atualidade, cuja influência, ainda que incógnita, se faz presente na obra de muitos historiadores, sendo possível considerá-lo como um “ilustre” (porque é importante) “desconhecido” (porque foi esquecido).

Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim

Observemos, agora, a leitura feita por José Maria de Oliveira Silva sobre Manoel Bomfim. Trata-se de uma dissertação de mestrado em História, defendida na Universidade de São Paulo, em 1990³⁸. O objetivo é explicitar a “ideologia radical” de Manoel Bomfim, observando-a em relação ao pensamento conservador dominante em sua época e considerando três aspectos: o educativo, o nacionalista e o progressista. De acordo com Oliveira Silva, “Bomfim teria operado um deslocamento ideológico capaz de romper com a visão homogeneizadora dos intelectuais da classe dominante”³⁹. O que teria contribuído para o seu progressivo esquecimento. Ou seja, o *radicalismo* de Bomfim por ter incomodado os setores dominantes, lançou-o ao ostracismo.

Oliveira Silva também aponta a linguagem de Bomfim como obstáculo para a sua aceitação.

“A linguagem radical e apaixonada de Bomfim transita de um estilo tradicional de análise política enfocando os comportamentos individuais para um estilo onde predominariam aspectos econômicos e sociais”⁴⁰.

O *radicalismo* é, portanto, o primeiro traço de Bomfim destacado pela leitura de Oliveira Silva. Que também apresenta como exemplo de uma “ideologia ilustrada”, observada tanto na linguagem quanto nas propostas educacionais e políticas. De acordo com Silva, o uso de categorias polares do tipo: monarquia/república, povo doente/povo

³⁸ SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. São Paulo: USP, dissertação de mestrado em História Social, 1990.

³⁹ SILVA, op. cit., p.8, 11.

saudável, progresso/atraso etc., seria uma marca dessa “ideologia ilustrada”. Outra característica seria uma “interpretação maniqueísta da história nacional”, expressa na visão de que o “povo” é “bom” e os “dirigentes” são “corruptos”⁴¹.

Em seu trabalho Oliveira Silva, procura demarcar aspectos contraditórios do pensamento de Bomfim. Observa que ele teria conciliado elementos de uma visão preconceituosa sobre a “massa popular”, tida como ignorante embrutecida pela escravidão, sem interesses, com a percepção de que determinados fatores culturais atuavam como obstáculos à constituição do *povo* como sujeito político. Desta percepção teria nascido sua proposta pedagógica, marcada por uma “ideologia ilustrada”, baseada na crença na capacidade transformadora da educação. Esta atuaria como formadora do “caráter nacional”, “modeladora do povo para o regime democrático” e “homogeneizadora dos “interesses nacionais”. À história caberia formar uma tradição comum, através da glorificação de heróis e da valorização da consciência nacional. Ou seja, o papel da história seria fornecer subsídios para a educação moral e cívica.⁴²

Oliveira Silva observa “certa neutralidade ética e política” na proposta pedagógica de Bomfim, sobretudo no que diz respeito ao papel da ciência na direção do processo produtivo. A defesa de uma ciência engajada na vida substituiria a política como recurso para transformar a sociedade e ultrapassar os obstáculos ao progresso. Nesse aspecto, Bomfim não se distingue de outros contemporâneos.⁴³

Oliveira Silva chama a atenção para esse aspecto, afirmando que, “a diferença de Bomfim em relação a outros evolucionistas de seu tempo estaria na negação da teoria da desigualdade racial, vista como produto de interesses imperialistas”.⁴⁴

⁴⁰ Ibidem, p. 13

⁴¹ SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. São Paulo: USP, dissertação de mestrado em História Social, 1990. p. 54

⁴² Ibidem, p. 21-23.

⁴³ Ibidem, p.42 e 111.

⁴⁴ Ibidem, p.81e 93.

Com a preocupação de localizar as contradições de Bomfim, Oliveira Silva identifica a ambigüidade da idéia de progresso apresentada em *A América Latina*. Segundo o intérprete, Bomfim ora idealiza o progresso como proveniente de um saber ilustrado, sendo a razão o único meio para o aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade; ora idealiza o progresso como obra das “massas miseráveis”, sem que, contudo, haja nessa idealização um conteúdo de luta de classes (aspecto que Silva parece considerar fundamental).⁴⁵ Mais adiante o autor se contradiz, ele afirma (ainda se referindo ao mesmo livro), que “ao analisar as relações sócio-econômicas no interior do regime colonial, Bomfim observou o ângulo do conflito entre classes sociais”.⁴⁶

O traço marcante da “ideologia radical” de Bomfim, que o teria posto em confronto com a “ideologia dominante”, seria a crítica da teoria da desigualdade racial. Oliveira Silva resume esta crítica em três pontos: 1) a crítica da teoria das raças inferiores com base na história; 2) o questionamento do pensamento racista com base em outros cientistas, “desconhecidos” dos “antropologistas” nacionais e americanos; 3) a crítica do uso indevido do darwinismo como teoria biológica aplicada à seleção humana. O intérprete observa que foi a partir de tal crítica que Bomfim construiu uma visão otimista da miscigenação, permitindo-lhe pensar que o cruzamento racial seria vantajoso, pois produziria novas qualidades facilitadoras da adaptação e do progresso. Por isso, o autor conclui que, “como ideólogo do caráter nacional, Bomfim partilhou da formulação do mito da democracia racial, difundido posteriormente por Gilberto Freyre”.⁴⁷

Em relação aos aspectos da “ideologia ilustrada” relativos ao nacionalismo, o intérprete caracteriza Bomfim como: “ufanista”, “romântico”, “radical” e “solidário com a população”. Do ponto de vista ideológico, trata-se de um nacionalismo diferente do “tradicionalista, conservador e lusófilo”, porque possui “elementos de radicalismo antilusitano e de tradição romântica”.⁴⁸

⁴⁵ SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. São Paulo: USP, dissertação de mestrado em História Social, 1990. p 84-5.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 106.

⁴⁷ *Ibidem*, p.93-95.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 135.

“A tese de Bomfim sobre a relação entre *nação* e *povo* recuperou não apenas a visão romântica de oposição ao lusitanismo, mas a visão negativa do poder que vinha dos liberais radicais, dos panfletários e dos jacobinos”.⁴⁹

As características da ideologia nacionalista de Bomfim seriam: a visão negativa do poder, a valorização da mestiçagem, a idéia de “caráter nacional” e a importância conferida aos poetas românticos. Tais características se mesclariam à “consciência da miséria” da população e ao desejo de infiltrar nas consciências das massas o “espírito revolucionário”.⁵⁰

Oliveira Silva afirma que, o nacionalismo de Bomfim não chegou a romper com os interesses de sua classe, ainda que ele tenha sido radical ao defender a educação popular e atacar o imperialismo e a ordem política conservadora. Ao referir-se à idéia de “caráter nacional”, Oliveira Silva a classifica como conservadora e orientada por premissas extraídas da biologia e dos determinismos racial e climático. Ao escrever sobre o “caráter nacional”, Bomfim teria participado da elaboração de outros “mitos veiculados pela tradição dominante”. Estes “mitos” são exemplificados por uma relação de autores e assuntos, também identificados nos textos de Bomfim. Assim, de Paulo Prado (1869-1943), ele teria assimilado a exaltação dos bandeirantes; de Henry Koster (1793-1820), a imagem de bondade dos senhores para com os escravos; de Gonçalves Dias (1823-1864), a política de amizade entre índios e colonizadores portugueses; de Jean de Lery (1534-1611), a idéia de tratamento mais humano dado aos índios pelos portugueses; de Frei Vicente do Salvador (c.1527-c.1636), a valorização dos primeiros colonos; de José de Alencar (1829-1877), a visão romântica de que o povo era pacífico. Desse modo, Oliveira Silva identifica, em Bomfim, a “tese da harmonia nacional”, que enfatiza a figura do português miscigenador e idealiza romanticamente o índio.⁵¹ Segundo Silva,

“A análise de Bomfim sobre o passado é relacionada a uma concepção historicista, localizada na abordagem das lutas ocorridas no período colonial e regencial e na exaltação de heróis e anti-heróis”.⁵²

Oliveira Silva afirma que,

⁴⁹SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. São Paulo: USP, dissertação de mestrado em História Social, 1990. p. 135.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 135-136

⁵¹ *Ibidem*, p. 137- 139

⁵² *Ibidem*, p. 87.

“A análise do passado desenvolvida por Bomfim produz novas imagens, mitos e heróis, capazes de criar uma nova versão sobre a tradição nacional, ainda que terminem por cristalizar um sentido único para a história”.⁵³

Oliveira Silva opõem-se à hipótese de Flora Süssekind e Roberto Ventura, para quem Bomfim teria sido esquecido devido à oscilação entre uma “linguagem velha” e uma “ideologia nova”, não conseguindo fazer-se entender na sua época por causa da ruptura ideológica e, na atualidade, por causa de suas metáforas superadas. Em contraposição a tais autores, Silva acredita que o autor foi esquecido por ter incomodado os “setores dominantes” com seu radicalismo.⁵⁴

Oliveira Silva conclui demonstrando que este radicalismo caracterizar-se-ia, sobretudo, pela defesa da união latino-americana, num momento em que se pregava a hegemonia brasileira sobre o continente; pela difusão do ensino popular com apoio do Estado; pela luta contra o conservadorismo político; contra a intelectualidade dominante e contra as teorias racistas européias. Bomfim é classificado como um intelectual dissidente do bloco oligárquico republicano, ligado ao grupo de intelectuais simpatizantes do socialismo e opositores do conservadorismo.⁵⁵

A memória construída sobre Manoel Bomfim pela leitura de Oliveira Silva é marcada pela imagem de um autor radical que, contudo, não teria conseguido romper definitivamente com os interesses econômicos e políticos de sua classe. Alguém que expressou preconceitos contra o popular, embora se mostrasse solidário com ele. Alguém que mesmo atuando no terreno da burguesia valorizando ideais abstratos como a liberdade, a igualdade, a nação, a pátria não teria recuado na defesa de projetos políticos via Estado e via revolução nacionalista popular. Surge um autor cuja marca seria a crítica da teoria da desigualdade racial e a defesa do ensino popular, sempre orientado por uma “ideologia ilustrada”, que tenderia a neutralizar conflitos.

⁵³ SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. São Paulo: USP, dissertação de mestrado em História Social, 1990. p. 141

⁵⁴ *Ibidem*, p. 110-111.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 164-165.

Capítulo II – Olhares sociológicos

O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim.

André Pereira Botelho propôs explorar a ideologia da “*educação como redenção nacional*”, tema em torno do qual a reflexão, a obra e a atuação político-intelectual de Manoel Bomfim estariam organizadas. Mais especificamente, ele investigou em que medida uma obra como *Através do Brasil* (1910)⁵⁶ teria divulgado a idéia de “*ação educativa*” de Bomfim e como esta pôde ser construída.⁵⁷

Ao contrário dos intérpretes vistos anteriormente, que procuram explicar o esquecimento de Bomfim a partir das características discursivas e analíticas de seus próprios textos, Botelho considera que o ostracismo a que o autor foi relegado está relacionado, de modo geral, à própria dinâmica da vida intelectual no Brasil. Esta seria marcada por um contínuo recomeçar a cada nova geração, implicando o esquecimento da produção anterior.⁵⁸

Ao mesmo tempo, lembra que, embora sua obra ensaística tenha permanecido ignorada por décadas, o mesmo não aconteceu com seus trabalhos paradidáticos, reeditados várias vezes.⁵⁹

Botelho observa que,

“O pouco que se escreveu sobre Bomfim desenhoulhe a imagem ambígua de um intelectual que, apesar de ter antecipado a reflexão sobre o Brasil, ocorrida nos anos

⁵⁶ BOMFIM e BILAC. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa*. Organização de Marisa Lajolo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Coleção Retratos do Brasil. 1a. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910.

⁵⁷ BOTELHO, André Pereira. *O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim*. Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado em Sociologia, 1997.

⁵⁸ BOTELHO, André Pereira Op. cit. p.62. O intérprete se apóia nas idéias de SCHWARZ, R. Nacional por subtração. In: *Que horas são?* Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁵⁹ *Ibidem*. p.57-58. O livro didático *Através do Brasil* foi reeditado 66 vezes.

trinta, foi vítima de um injusto esquecimento motivo central dos estudos sobre seu pensamento.”⁶⁰

Por sua vez, o interesse de Botelho é analisar o alegado avanço de sua reflexão em relação ao pensamento dominante em seu tempo, especificamente, no que dizia respeito à negação do paralelismo entre o social e o biológico. Bomfim teria desmistificado as justificativas deterministas raciais para a exclusão política dos grupos sociais dominados, remetendo-as a causas históricas, além de desmascarar o caráter ideológico do racismo em suas relações com o imperialismo europeu.⁶¹

Tendo em mente que a leitura é produção de conhecimento, Botelho defende que, para se compreender uma obra, é importante analisar seus intérpretes anteriores e contemporâneos, localizando-os em seus respectivos tempos/espacos. A partir dessa premissa, busca um critério de ordenação geral da obra de Bomfim que corresponda às formas pelas quais ele selecionou, formulou e desenvolveu aquilo que considerava como seu problema, levando em conta sua biografia.⁶² No seu entendimento a idéia de “ação educativa” encontra-se dispersa no conjunto da obra de Bomfim que, além de ensaios de interpretação histórico-sociológica, inclui manuais de pedagogia e psicologia, monografias de psicologia da educação, livros didáticos e paradidáticos. Ou seja, diferentes modalidades discursivas cujo denominador comum seria a proposição do “caráter redentor” da educação. De acordo com o intérprete, essa ênfase conferida ao “caráter redentor da educação” é que teria permitido a Bomfim afastar-se dos paradigmas deterministas e do modo correspondente de se pensar o país. A idéia de “ação educativa” o teria capacitado para efetuar a passagem de uma explicação biológica para outra, de ordem histórico cultural, enfatizando a possibilidade de mudança histórica através da educação cujo pressuposto era, justamente, a idéia de “plasticidade humana” compreendida como um estímulo à capacidade de adaptação e transformação.⁶³

⁶⁰ BOTELHO, André Pereira. *O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim*. Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado em Sociologia, 1997. p. 59.

⁶¹ BOTELHO, op. cit., p. 61-2 e 64-5.

⁶² Ibidem, p. 15.

⁶³ Ibidem, p. 16 e 74-5.

“Bomfim é um autor inovador, alguém que na contracorrente soube filtrar o paradigma das ciências naturais, adaptando-o às relações sociais. Sua reflexão é associada a uma matriz culturalista, relativamente pioneira em sua época, que se afirmaria somente nos anos trinta, com Gilberto Freyre.”⁶⁴

A “posição indefinida” que lhe coube na literatura do *pensamento social brasileiro* estaria, em parte, relacionada aos próprios métodos empregados por seus intérpretes. Estes se concentrariam, principalmente, em seu primeiro livro *A América Latina*, perdendo de vista o desdobramento posterior de suas reflexões.⁶⁵ Botelho observa que eles expressaram, “não sem alguma frustração” e de modo mais ou menos explícito, a idéia de que Bomfim, ao afirmar a especificidade do social em relação ao biológico e, ao mesmo tempo, utilizar uma linguagem extraída da biologia na análise da sociedade, teria construído um paradoxo. A ênfase que o autor deu à educação também teria levado seus analistas à conclusão de que ele decepciona ao conduzir sua análise pelos parâmetros de uma “ideologia ilustrada”, defensora de reformas, mas incapaz de promover uma transformação estrutural.⁶⁶

André Botelho procura relativizar a *ambigüidade* e o *espírito reformista* de Bomfim, lembrando que a primeira estaria diretamente relacionada às próprias *ambigüidades* da realidade brasileira de sua época, marcada pela frustração com a República, pela crise da “geração de 1870” e pelo “funcionamento incompleto do padrão burguês no país” enquanto o segundo encontraria lugar em meio à aspiração de modernização, possuindo significado cultural e político.⁶⁷ A análise procura identificar aspectos da defesa da “educação como redenção nacional”, que permitam sua compreensão para além dos limites de um ideal iluminista. Assim, diferentes ângulos da ideologia da “educação como redenção” são destacados, tais como: o papel dessa ideologia na passagem de uma visão pessimista do Brasil (orientada pelos determinismos do meio e da raça) para

⁶⁴ BOTELHO, André Pereira. *O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim*. Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado em Sociologia, 1997. p.69.

⁶⁵ *Ibidem*, p.57 e 68.

⁶⁶ *Ibidem*, p.68-9

⁶⁷ *Ibidem*, p.42-7.

outra, mais otimista, sobre a viabilidade do progresso; sua relação com a necessidade de educar a população na cultura técnica, atendendo ao avanço do capitalismo.⁶⁸

Portador de um “olhar ilustrado sobre o atraso brasileiro”, Bomfim é situado por Botelho entre os intelectuais da chamada “geração modernista de 1870”⁶⁹. Esta “geração” elegera a questão educativa como um de seus principais temas, estando menos ligada a uma postura humanista de linhagem ilustrada do que a uma aspiração modernizante e democrática.⁷⁰

O intérprete considera a proposta de Bomfim como tendo sido orientada por certo “realismo pragmático”, que procurava atender às necessidades de um regime republicano democrático inserido na ordem capitalista. Além disso, mesmo quando o autor abandonou a perspectiva reformista, ao propor uma revolução popular, não teria aberto mão da idéia de “redenção pela educação”. Daí a possibilidade de interpretar sua proposta educacional como sendo mais ampla do que um ideal ilustrado de reforma, uma vez que ela estaria relacionada à perspectiva de mudança histórica da sociedade.⁷¹ Deste modo, ao invés de constituir um “decepcionante estrangulamento da argumentação”,⁷² a proposta de educação como solução para os problemas nacionais tanto refletiria o próprio contexto social vivido pelo autor, quanto expressaria uma formulação intelectual “peculiar” a ele. Segundo Botelho, a defesa da educação teria sido a forma encontrada por Bomfim para afirmar a nação frente às teses deterministas baseadas na existência de uma “hierarquia natural” entre os homens e as nações, e para restabelecer a discussão sobre a cidadania, interrompida e desautorizada pelo debate racial do pós-Abolição (1888).⁷³

Ao mesmo tempo, Botelho afirma que os ensaios de Bomfim encontrar-se-iam no âmbito do “‘paradigma’ da dependência cultural”, por estarem baseados na crença de que a

⁶⁸ BOTELHO, André Pereira. *O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim*. Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado em Sociologia, 1997. p. 47 e 70.

⁶⁹ André Botelho é um dos intérpretes, que ao lado de Simone Petraglia Kropf e Lucia Lippi que ainda serão vistos aqui a fazer esta inserção de Bomfim na geração de 1870.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 19 e 40.

⁷¹ *Ibidem*, p.72-3 e 75.

⁷² CÂNDIDO, Antonio *apud* BOTELHO, p. 69

⁷³ *Ibidem*, p.69 e 71-72.

solução dos problemas nacionais poderia ser buscada no âmbito estritamente nacional. A reformulação do sistema educacional teria sido considerada suficiente para combater a herança ibérica, associada ao atraso do país. Além disso, esta mesma perspectiva não teria permitido a Bomfim compreender que,

“São as sociedades, na verdade, que moldam os seus ideais de educação e cultura, e não ao contrário; e circunscrita à ideologia da educação como redenção nacional, sua reflexão permanece numa esfera ética de avaliação da formação da sociedade brasileira”.⁷⁴

Segundo Botelho, os elementos principais da “ação educativa” presente no livro *Através do Brasil* seriam: 1) a valorização de uma “sabedoria prática”, baseada na idéia de experiência como conhecimento empírico da realidade; 2) a relação entre ensino e produtividade, ou melhor, a defesa de um sistema educacional voltado para a qualificação técnica dos indivíduos enquanto trabalhadores; 3) a exigência de políticas públicas de educação; 4) o pressuposto da plasticidade humana aspecto capaz de romper com os determinismos da época; 5) a idéia de que a “ação educativa” atuaria como um instrumento de transformação social, através da intervenção direta dos indivíduos na realidade, e não através do Estado.⁷⁵

Seria possível ir mais longe neste trabalho de esmiuçar o estudo de Botelho, ainda que não fosse possível esgotá-lo. Mas, para os objetivos aqui propostos, o que foi apresentado é suficiente para desenhar um quadro representativo de Manoel Bomfim, de onde alguns elementos constitutivos da memória sobre esse autor possam ser extraídos. Antes, contudo, é preciso lembrar que esse desenho é delimitado pelo interesse do intérprete em abordar apenas um dos livros de Bomfim – *Através do Brasil* – tomando-o como representativo de uma modalidade discursiva específica: a literatura escolar nacional, ainda que realize o cruzamento com outros trabalhos. Além disso, a análise do referido livro praticamente desconsidera a participação de seu co-autor: Olavo Bilac (1865-1918).⁷⁶

⁷⁴ BOTELHO, André Pereira. *O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim*. Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado em Sociologia, 1997. p. 75

⁷⁵ Ibidem, p. 170-4.

⁷⁶ Segundo Conde Aguiar, Olavo Bilac participou, ao lado de Bomfim, da Liga Brasileira Pró-Aliados. Bilac era defensor da educação primária e do serviço militar obrigatório. Preocupado com questões cívicas, tornou-se um importante divulgador de idéias nacionalista, que culminaram com a criação da Liga de Defesa Nacional, em 1916 – ano em que o Brasil declarou guerra contra a Alemanha.

Dito isso, observemos alguns aspectos da memória sobre Bomfim presentes no estudo de André Botelho. O primeiro refere-se ao ostracismo ao qual ele foi lançado. Embora o esquecimento não seja objeto de análise, trata-se de um ponto lembrado pelo intérprete que, inclusive, o identifica como motivo principal dos estudos sobre o autor. Também reconhece, nos outros estudos, o desenho de uma imagem ambígua do escritor: ao mesmo tempo vítima de um “injusto esquecimento” e frustrante, por ater-se a uma linguagem em vias de superação e por basear-se em pressupostos ilustrados e reformistas. Daí a “posição indefinida” que lhe coube na literatura do *pensamento social brasileiro*. Ou seja, esta *ambigüidade* ou *indefinição* do lugar de Bomfim estaria relacionada, sobretudo, aos *métodos empregados por seus intérpretes, não sendo inerentes ao autor estudado*.

A perspectiva de que *a leitura é produção de conhecimento* fez com que Botelho ficasse atento às outras leituras sobre Bomfim, procurando relativizá-las e com elas dialogar, ainda que ele não se preocupe em resumí-las. As referências mais explícitas em seu estudo são os trabalhos de Antônio Cândido⁷⁷ e Flora Süssekind e Roberto Ventura.⁷⁸ Bomfim surge como um pensador atuante em várias modalidades discursivas, cujo ponto em comum seria a proposta de “educação como redenção”. Considera-o um autor “inovador”, que na “contracorrente” teria conseguido subverter o paradigma das ciências naturais, aplicando-o às relações sociais. Também o associa a uma “matriz culturalista”, que posteriormente teria Gilberto Freyre como seu principal expoente, além de, como já foi dito, inseri-lo entre os intelectuais da chamada “geração modernista de 1870”. Embora se ocupe em relativizar as leituras que apresentam Bomfim como um intelectual incapaz de efetuar uma ruptura efetiva com o pensamento dominante, o intérprete conclui com o que parece ser uma certa decepção, qual seja: a de que o autor teria permanecido numa “esfera ética de avaliação da sociedade brasileira”, em oposição à esfera política. A proposta de reforma via educação teria conduzido Bomfim a manter-se no âmbito da primeira, supondo que as instituições educacionais seriam capazes de empreender mudanças sociais acima dos conflitos de classe, pois que interessariam a todos os indivíduos.

⁷⁷ Os textos de Antônio Cândido citados por Botelho são: *Literatura e subdesenvolvimento. A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987; *Radicalismos e A Sociologia no Brasil. Enciclopédia Delta-Larousse*, v.4.

A perspectiva teórica de André Botelho é orientada pela sociologia do conhecimento, inspirada em Karl Mannheim.⁷⁹ A análise do livro de Bomfim caminha na “conjunção de decifração de texto e localização sociológica do mesmo”.⁸⁰

Como o próprio Botelho afirma no início do seu estudo, a “posição indefinida” de Bomfim na literatura do chamado *pensamento social brasileiro* deve-se, em parte, aos próprios métodos empregados por seus intérpretes. Mas, apesar de relativizar outras leituras sobre o autor, que o tomam por ambíguo, Botelho conclui com uma interpretação semelhante, uma vez que, ao situá-lo em relação ao seu próprio tempo, o vê como um intelectual ora inovador, atuante na “contracorrente”, ora como preso nas teias de sua própria época, marcada pela ambigüidade decorrente do “funcionamento incompleto do padrão burguês no país”.⁸¹ A *ambigüidade do contexto* serve como parâmetro para a leitura de Bomfim. Daí ser possível explicar o autor como alguém que interpretou a realidade do país, traduzindo interesses particulares (ligados ao seu próprio grupo) como necessidades gerais, num momento de transição da sociedade brasileira de um mundo pré-burguês para um mundo moderno. Portanto, momento também ambíguo já que de transição.

Manoel Bomfim: O Rebelde Esquecido

A obra de Ronaldo Conde Aguiar,⁸² trata-se de uma tese de doutorado escrita sobre o autor em questão. Recebeu o prêmio de melhor tese de doutorado no I Concurso Brasileiro CNPq-ANPOCS de Obras Científicas e Teses Universitárias em Ciências Sociais, em 1999, sendo publicado no ano seguinte.⁸³

⁷⁸ SÜSSEKIND e VENTURA, já citado.

⁷⁹ O trabalho de Mannheim utilizado por Botelho é *Essays on Sociology and Social Psychology* (1959).

⁸⁰ BOTELHO, André Pereira. *O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim*.

Campinas: UNICAMP, dissertação de mestrado em Sociologia, 1997. p. 17.

⁸¹ *Ibidem*, p. 43.

⁸² Ronaldo Conde Aguiar é sociólogo. Foi secretário de Ciência e Tecnologia do governo do Distrito Federal e, recentemente, além da biografia sociológica de Bomfim, também publicou a *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro* (2001).

⁸³ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Brasília: Dep. de Sociologia/UnB, 1998, tese de doutorado. Publicado com o mesmo título, no Rio de Janeiro, pela Topbooks, em 2000. Todas as referências a este trabalho, correspondem ao texto do livro.

Na introdução, Ronaldo Conde Aguiar afirma que sua intenção inicial era “investir pesado no estudo dos autores cujas obras formam a base, o corpo e a alma do pensamento social brasileiro”. O intérprete se dá conta da inviabilidade desse projeto, considerando ambiciosa sua proposta de “ler tudo sobre a obra de”. Em seguida, faz uma breve reflexão sobre a construção do campo intelectual no Brasil. Segundo ele, a história do “pensamento social brasileiro” é excludente e tende a perpetuar os mesmos nomes. Omite sistematicamente a importância de alguns autores do passado, através da construção de uma “hierarquia de relevância”, baseada na eleição de autores “ícones” e “obras de marca”. Além disso, os estudos sobre tais “ícones” também serviriam como um meio de garantir renome acadêmico àqueles que se dedicam a estudar tais intelectuais e a definir o quadro hierárquico.⁸⁴

O trabalho de Aguiar é na definição dele mesmo uma “biografia sociológica”, cujo objetivo é analisar a obra de Bomfim, as circunstâncias em que essa foi produzida e sua trajetória pessoal, além de investigar o lugar que ele veio a ocupar, “como autor e como ator”, na “hierarquia de relevância” do campo intelectual brasileiro. Duas questões o orientam: como Bomfim pode construir reflexões e idéias, (que Aguiar considera tão distintas daquelas que eram comuns em seu tempo e em sua classe social de origem) e quais as razões do esquecimento do autor.

Sendo o estudo mais recente sobre Bomfim e, também, o que propõe ir mais longe na interpretação do mesmo, conjugando a trajetória pessoal à análise de sua obra, optei pelo exercício de compará-lo diretamente às outras interpretações sobre o autor, buscando compreender em que medida Aguiar reafirma as leituras (interpretações) anteriores à sua e em que medida propõe algo diferente. Melhor dizendo, o que este intérprete resgata da biografia e dos textos de e sobre Bomfim e que imagem ou representação elabora sobre esse autor, consolidando ou *enquadrando* uma determinada memória sobre ele.

⁸⁴ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Brasília: Dep. de Sociologia/UnB, 1998, tese de doutorado. Publicado com o mesmo título, no Rio de Janeiro, pela Topbooks, em 2000. p. 13-18.

Aguiar refere-se à Bomfim como “uma voz que ousava dizer o indizível”, “um pensador que não temia pensar o impensável”, num meio social mais alienado, conservador e inculto que o de hoje.⁸⁵ Acredita que pode demonstrar as qualidades intelectuais do autor “em toda a sua dimensão, não deixando de apontar as suas virtudes e idiossincrasias, suas contradições e inconsistências”. Concorde com as idéias de Flora Süssekind e Roberto Ventura, que situam Bomfim como autor de um contradiscurso, ou seja, um discurso crítico produzido no interior do discurso ideológico dominante. Essa seria uma das causas do seu esquecimento: a afronta às elites dominantes. Assim, Bomfim teria pronunciado um discurso que “precisava ser silenciado”.

Segundo Aguiar os aspectos que teriam contribuído para o esquecimento de Manoel Bomfim seria a não aceitação, pelo autor, de determinadas regras e comportamentos do campo intelectual de seu tempo, tal como recusar o convite de Machado de Assis para participar da Academia Brasileira de Letras. Na década de 1920, também recusou o convite de Graça Aranha e não concorreu à cadeira 21, aberta com a morte de Mário de Alencar. Conde Aguiar afirma que,

“ A recusa de Manoel Bomfim pertencer à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro significou pouca coisa, mas o constante desinteresse de Bomfim em vincular-se às instituições legitimadoras do campo intelectual impediu-o de usufruir o prestígio e o renome de pertencer a elas.”⁸⁶

Acrescenta também recusa de polemizar em torno de seus escritos, abrindo espaço para que a opinião negativa de seu principal crítico, Silvio Romero, prevalecesse⁸⁷. Outra contribuição seria o predomínio de uma visão do autor como lusófono, estimulando o boicote de seus textos pelos jornais cariocas, dominados pelos portugueses.

Além disso, seu próprio estilo literário teria dificultado o acesso a sua obra. Sua opinião contrária a uma revolução comunista no Brasil, também pode ter despertado a

⁸⁵ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Brasília: Dep. de Sociologia/UnB, 1998, tese de doutorado. Publicado com o mesmo título, no Rio de Janeiro, pela Topbooks, em 2000. p. 25

⁸⁶ *Ibidem*, p. 510

⁸⁷ Após Bomfim ter publicado *América Latina; Males de origem*, em 1905. Silvio Romero escreveu *América Latina; Análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim*.

oposição dos comunistas brasileiros, que o ignoraram. Do mesmo modo, por criticar a Revolução de 1930, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) ter-lhe-ia feito restrições, impedindo a reedição de seus livros e a menção de seu nome em jornais e revistas, além de retirá-los das bibliotecas públicas.⁸⁸

Por fim, Aguiar conclui que o “atávico hábito brasileiro de repudiar a memória nacional”, também ajudou a lançá-lo ao ostracismo. De acordo com o intérprete,

“O Brasil é um país sem memória, com a agravante de que isto é particularmente evidente em relação aos temas populares e a quem, como Bomfim, opôs-se ao discurso dominante”.⁸⁹

Pondo de lado a questão do esquecimento, Aguiar situa Bomfim como precursor das idéias de Sérgio Buarque de Holanda sobre a cordialidade do povo brasileiro. Também constrói associações entre o autor e Caio Prado Júnior porque ambos teriam rompido com os interesses das classes a que pertenciam. Nas palavras de Aguiar,

“Bomfim foi um autor incompreendido, apesar de ter sido um pioneiro do pensamento social brasileiro em muitos aspectos. Bomfim, por ser um autor brasileiro, um cidadão do mundo periférico teve impedida a possibilidade de que seu gênio ultrapassasse os limites culturais do Rio de Janeiro de então”.⁹⁰

Procura situar Bomfim como “o único pensador a criticar de modo sistemático a teoria da desigualdade racial”. Considera como sua grande contribuição a “capacidade de enxergar os interstícios da realidade social”, através de uma análise crítica, de observação e sentimento, coordenados por um tipo de conhecimento sociológico que ainda hoje não estaria inteiramente generalizado.⁹¹

Aguiar parece consolidar uma determinada versão sobre o autor, resgatando aspectos presentes em outras leituras sobre ele e afirmando outros tantos. Tais aspectos seriam: o pioneirismo; a originalidade; a coragem (ao enfrentar os cânones políticos e ideológicos de

⁸⁸ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Brasília: Dep. de Sociologia/UnB, 1998, tese de doutorado. Publicado com o mesmo título, no Rio de Janeiro, pela Topbooks, em 2000. p. 513

⁸⁹ *Ibidem*, p. 340

⁹⁰ *Ibidem*, p. 59

⁹¹ *Ibidem*, p. 340-360.

seu tempo); a capacidade de argumentação; a lucidez; a discrição; a paixão; a coerência; a rebeldia; o humanismo; o reformismo, a perspectiva nacionalista e popular.

Mas, para melhor situar o trabalho de Aguiar em relação aos outros, é importante observar não apenas sua análise sobre Bomfim, mas, o tipo de narrativa, o modo de argumentar ou de ordenar sua leitura.⁹² Almejando “ser lido pelo maior número de leitores, e não só pelos intelectuais e iniciados” o que contribuiria para o conhecimento do nome de Bomfim por parte de um público mais amplo, o intérprete fornece pistas sobre o modo como quer que leiam seu estudo.⁹³

Observa-se a utilização de três tipos de narrativas concomitantes. Além das notas inseridas no pé da página e daquilo que pode ser visto como a narrativa principal, há parágrafos entre chaves ao longo de todo o texto, contendo o que seriam observações pessoais ou associações entre aquilo que é dito no texto principal e outros aspectos que chamam a atenção do Aguiar. No conjunto dá-se a impressão de que a narrativa principal (fora das chaves) representa uma espécie de espaço *neutro*, onde o autor nada mais faria que narrar.

Esse é o espaço do contexto e da biografia, assim como da apresentação das idéias de Bomfim. O espaço entre chaves é aquele que o autor parece utilizar para expressar sua opinião, fazendo colocações que considera necessárias para o entendimento do texto principal.

O terceiro tipo de narrativa corresponde aos textos em itálico, utilizados na construção de diálogos entre os personagens analisados. Na ausência de fontes, Aguiar optou por preencher as lacunas da biografia e compor a narrativa de um modo que considera mais atraente: elaborando diálogos a partir de situações fictícias.

⁹² Reflexão desenvolvida a partir da orientação feita pelo professor Rubens Câmara durante a execução do meu trabalho sobre Bomfim na disciplina Historiografia Brasileira.

⁹³ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido*: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Brasília: Dep. de

A maneira como ele constrói a biografia também chama a atenção. A história de Bomfim começa com a “saga” de sua família. A experiência familiar (presente e passada) torna-se um ponto ao qual se pode recorrer em busca de aspectos que ajudem a compreender determinadas posições e escolhas do *autor/personagem*. Exemplo: a convivência e amizade de infância entre Bomfim e um escravo da fazenda de seus pais, ajudaria a compreender sua postura anti-racista.

De acordo com Aguiar a razão básica da biografia é “investigar momentos e reavaliar experiências de vida com o objetivo de explicar o acontecido e o lugar que o biografado como autor e como ator ocupou e ocupa, na história”. A biografia deve ser construída visando apontar e explicar situações que justifiquem a obra e a origem das idéias do autor.

Aguiar acredita que o exercício biográfico permite “a busca de situações e atitudes que ensejaram este ou aquele destino do biografado”.⁹⁴ Desse modo, a trajetória da vida de Bomfim, segundo esse intérprete, obedece a um encadeamento um tanto quanto linear, cuja lógica segue as regras da causa e efeito. Aguiar conclui dizendo que escreveu uma biografia sociológica “sem resvalar para o panegírico e o apologético”. Procurou valorizar em Bomfim, “aquilo que ele, de fato, acrescentou e representou para o pensamento social brasileiro, sem omitir, no entanto, as suas falhas e contradições”. Mas, também diz pretender homenageá-lo, fazendo com que o autor seja “reconhecido pelo que é verdadeiramente: um dos mais lúcidos pensadores sociais do Brasil”.⁹⁵

Lembrando Pierre Bourdieu, “*um livro não chega jamais ao leitor sem marcas*”.⁹⁶ Suponho que o mesmo se pode dizer sobre determinados autores, submetidos a leituras que

Sociologia/UnB, 1998, tese de doutorado. Publicado com o mesmo título, no Rio de Janeiro, pela Topbooks, em 2000. p.23

⁹⁴ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Brasília: Dep. de Sociologia/UnB, 1998, tese de doutorado. Publicado com o mesmo título, no Rio de Janeiro, pela Topbooks, em 2000. p. 20.

⁹⁵ Ibidem, p. 387.

⁹⁶ BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural (debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier). In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 248.

procuram classificá- los, rotulá- los, situá-los em relação a outros autores ou no interior do conjunto que se denomina por *pensamento social brasileiro*. Considero que a leitura de Ronaldo Conde Aguiar contribuiu exatamente nesse sentido. Ao passar em revista grande parte daquilo que foi escrito de e sobre Bomfim, utilizando e orientado por determinada perspectiva sobre o que deve ser uma biografia um volume extenso de documentos sobre sua trajetória de vida e, na ausência de tais documentos, elaborando situações e diálogos fictícios a fim de construir a história de Bomfim, o intérprete colaborou para a inserção do nome desse intelectual no conjunto do *pensamento social brasileiro*, sem, contudo, questionar a própria idéia da existência desse conjunto.

Refletindo sobre a memória que foi construída sobre um autor através de seus leitores, pude observar que essa reflexão abre um pequeno espaço para o questionamento do lugar chamado *pensamento social*, para onde o contínuo trabalho de enquadramento da memória leva autores e obras. Assim, o *pensamento social brasileiro* pode ser visto como uma construção de memória e não como algo naturalmente constituído por intelectuais que representam a genialidade, o supra-sumo da inteligência de um país, os representantes por excelência do mundo pensante.

Após percorrer aos estudos aqui analisados produzidos ao longo dos anos 80 e 90, no âmbito das pósgraduações, passo, agora, a um outro tipo de texto, produzido e publicado no mesmo período por intelectuais membros da academia ou de instituições de pesquisa, alguns dos quais são referências constantes nos estudos sobre história das idéias no Brasil.

Capítulo III – Olhares cruzados

Artigos

Manoel Bomfim, antropólogo

O primeiro artigo a ser analisado é o de Darcy Ribeiro (1922-1997), intitulado *Manoel Bomfim, antropólogo*,⁹⁷ publicado na *Revista do Brasil*, em 1984 e, posteriormente, incluído como prefácio da terceira edição do livro *A América Latina* (1993). O objetivo de Ribeiro, como o título deixa entrever, é situar Bomfim em relação ao *pensamento antropológico brasileiro*. O autor lembra que, durante a ditadura militar (anos 60 e 70), as universidades brasileiras contribuíram para o afastamento de intelectuais contestatórios, excluindo da bibliografia os pensadores mais lúcidos e combativos. Ribeiro coloca que entre esses pensadores estaria Manoel Bomfim.⁹⁸

“Bomfim era um pensador original, o maior que geramos (...) um pensador plenamente maduro em 1905 o grande intérprete do processo de formação do povo brasileiro, uma fonte doméstica de água pura”.⁹⁹

Ribeiro complementa colocando que o livro *A América Latina*, é “extraordinário”, um “livro sábio e profundo”. Considera Bomfim um intelectual “original” por se opor ao discurso científico oficial. Menciona seu “espírito polêmico”, relacionando-o ao momento em que viveu. Destaca como suas características: a lusofobia, a cordialidade (manifesta quando criticava seus pares); a capacidade de observação; o uso do biologismo aplicado à sociologia; a crença no “caráter nacional” como somatório de características psicológicas hereditárias.¹⁰⁰

Situa-o como um intelectual isolado, ao considerar que só ele, no início do século, “teve olhos para ver” a relação entre as teorias deterministas e o imperialismo europeu. Daí pensá-lo como estando à frente de seu tempo. Situa-o como precursor das idéias de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Arthur Ramos (1903-

⁹⁷ RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria de Ciência e Cultura do Município do Rio de Janeiro, ano 1. 1984. p. 48-54.

⁹⁸ RIBEIRO, op. cit. p. 53.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 49.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 50-52.

1949) e Josué de Castro (n.1905).¹⁰¹ Ribeiro conclui afirmando que Bomfim foi o “fundador da antropologia do Brasil e dos brasileiros” e lembrando que ele teve predecessores, mas não sucessores.

Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX

O sociólogo e antropólogo Renato Ortiz também escreveu sobre Bomfim no artigo *Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX* (1982), publicado no livro *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* (1985).¹⁰² Ortiz faz referência ao autor, na parte intitulada *Uma interpretação dissidente*. O objetivo é tecer relações entre a questão racial e a construção da *identidade brasileira*. As idéias de Bomfim, como crítico das teorias raciais, são destacadas e situadas em relação ao que Ortiz considera como um problema recorrente na história cultural nacional: a absorção de idéias estrangeiras.¹⁰³ A primeira característica de Bomfim seria a de ser um *intelectual dissidente*, por se opor ao pensamento dominante, no que dizia respeito à teoria da desigualdade racial. Isto explicaria, ao menos em parte, seu “insucesso” e “esquecimento”.¹⁰⁴

Ortiz propõe inseri-lo nos marcos do pensamento da virada do século, caracterizado pelo *positivismo*, pelo *evolucionismo* e pelo *darwinismo social*. Porém, o considera *sui generis* por se contrapor aos determinismos do meio e da raça. Além disso, o relaciona ao positivismo de Durkheim (1858-1917), para quem o biológico seria um modelo de

¹⁰¹ Ibidem. p.50 e 52. Segundo Ribeiro Arthur Ramos foi um importante antropólogo. Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia (1926) e desenvolveu trabalhos na área de psiquiatria. Fundou a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. Atuou em universidades norte-americanas (Northwestern e Luisiana), e na Universidade do Brasil. Fez parte de uma vertente de pensadores, relacionada a Gilberto Freyre, que incorporou as culturas africanas de modo positivo, desenvolvendo o elogio da miscigenação. Publicou, entre outros livros: *O negro brasileiro* (1938). Josué de Castro, médico, sociólogo e político pernambucano, foi membro do Instituto da Pessoa Humana, ligado a Organização das Nações Unidas. Publicou vários livros sobre a questão da fome no Brasil, entre eles: *Alimentação no Brasil* (1933) e *Geopolítica da fome* (1952). Para Darcy Ribeiro, os autores citados teriam se aproximado da visão de Bomfim, mesmo sem tê-lo lido.

¹⁰² ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In : _____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.13-35. Este artigo foi originalmente publicado nos *Cadernos CERU*, n.17, em setembro de 1982.

¹⁰³ ORTIZ, .op. cit., 1985, p.14.

¹⁰⁴ Ibidem.. p.22.

compreensão dos fatos sociais.¹⁰⁵ As principais marcas do seu pensamento seriam: a “visão internacionalista” sem correspondência com outros autores da época – expressa pela inserção do Brasil no quadro mais amplo da América Latina; a concepção de que as sociedades existem como organismos similares aos biológicos; a idéia de que existem leis orgânicas que determinam a evolução social; a suposição de que a análise da nacionalidade depende do estudo do meio em ação combinada com o tempo; a valorização da miscigenação como possibilidade de renovação e de equilíbrio dos elementos negativos herdados do colonizador; a construção de uma teoria biológico-social, com base nas relações entre colonizador e colonizado (ou parasita e parasitado); a identificação do progresso com o modelo de civilização européia; a crítica do conservadorismo e da falta de espírito de observação. O papel de Bomfim como crítico do imperialismo – com o qual as teorias sobre desigualdade racial estariam relacionadas também é acentuado por Ortiz, que considera *A América Latina* (1905) como “um libelo contra a opressão das nações colonizadoras”.¹⁰⁶

Através da leitura realizada por Ortiz, é possível perceber Manoel Bomfim com um lugar garantido entre os construtores da *identidade nacional*, ainda que ele tenha sido esquecido. Contra as teorias da desigualdade das raças humanas, ele teria construído uma interpretação *dissidente e original*.

Radicalismos

*Radicalismos*¹⁰⁷ é o título de um dos textos sobre Bomfim mais citados entre seus intérpretes. Foi escrito em 1988, por Antônio Cândido, cujo objetivo era mostrar a ocorrência de idéias radicais (opostas ao conservadorismo dominante) no Brasil.¹⁰⁸ A hipótese que orienta seu ensaio é a de que as idéias radicais do país não constituiriam um

¹⁰⁵ Ibidem. p.22-3. Ortiz lembra que Bomfim não cita Durkheim em nenhum momento, o que tornaria difícil interpretar seu pensamento como uma possível leitura durkheimiana de Auguste Comte (1798-1857).

¹⁰⁶ ORTIZ, *op.cit.*, p. 23-6.

¹⁰⁷ CÂNDIDO, Antônio. *Radicalismos, Estudos Avançados*, 4-18, jan./abr., 1988.

¹⁰⁸ O intérprete analisa três autores e respectivos livros: *O Abolicionismo* (1883), de Joaquim Nabuco (1849-1910); *A América Latina* (1905), de Bomfim; e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda.

sistema, podendo ser observadas apenas em autores isolados, “de modo ocasional, passageiro ou permanente”.

Ao contrário do que ocorreu em outros países da América Latina, no Brasil não teria se desenvolvido um “corpo próprio de doutrinas radicais politicamente avançadas”. As doutrinas teriam sido geradas no interior da classe média e por setores esclarecidos das classes dominantes, não constituindo um pensamento revolucionário por não se identificarem com os interesses das classes trabalhadoras, segmento social considerado como potencialmente apto à revolução.¹⁰⁹

Cândido afirma que,

“Bomfim em 1905, surgia com um livro sábio e profundo, pensado, trabalhado, em que demonstra cabalmente, dizendo-o com todas as letras - exemplificando com propriedade, contracitando com sábio europeus que se opunham aos teóricos do racismo tão admirados no Brasil – que nossos males não vêm do povo. São, isto sim, produto da mediocridade do projeto das classes dominantes que aqui organizaram nossas sociedades em proveito próprio, com o maior descaso pelo povo trabalhador, visto como uma mera fonte de energia produtiva, que ele podia desgastar como bem quisesse.”¹¹⁰

Após indagar sobre o porquê de seu esquecimento, afirma:

“Penso que por causa de seu método de analogias biológicas, superadas em seguida por outras correntes da sociologia; e também porque manifestava pontos de vista politicamente incômodos para as ideologias dominantes”.¹¹¹

Concorda, portanto, com Flora Süssekind e Roberto Ventura, para quem o esquecimento de Bomfim estaria relacionado tanto à crítica do biologismo aplicado à sociologia ao mesmo tempo em que utilizava conceitos extraídos das ciências naturais quanto à oscilação entre uma linguagem apaixonada e a busca de rigor científico. Contudo, apesar de crer que tais razões são válidas para a compreensão do esquecimento do autor, afirma que o motivo principal seria político.¹¹²

¹⁰⁹ CÂNDIDO, op. cit. p. 4

¹¹⁰ Ibidem, p. 8

¹¹¹ Ibidem, p. 10

Antonio Candido diz que só muitas gerações depois as interpretações magistrais de Manoel Bomfim entram em curso, lidas em outros autores. “Muito antes de Gilberto Freyre aprender isto em Nova York Manoel Bomfim dizia com clareza que as taras do crioulo não vinham da raça, mas da escravidão.”¹¹³

Candido acredita que o autor,

“Não teve a consagração merecida, mesmo tendo construído um sólido projeto radical, que não teve eco no seu tempo, nem depois. Ele merece ser relido na atualidade, é um dos pensadores mais originais e clarividentes que o Brasil já teve”.¹¹⁴

Elege como “maciço central de sua obra” os livros: *A América Latina, O Brasil na América, O Brasil na história e O Brasil nação*, sendo que “o primeiro é o melhor e o que realmente conta”.¹¹⁵ Bomfim seria o exemplo do pensador plenamente radical, além de ser o primeiro a observar a persistência do conservadorismo no Brasil. Sobre esse tema, teria construído análises “fecundas e esclarecedoras”. Seu radicalismo é visto como permanente, sobretudo na análise “notável” das relações de produção. Cândido se surpreende com o fato de Bomfim ter chegado a conclusões originais a partir de uma base que considera “insuficiente e restrita”.¹¹⁶

Destaca a “imaginação histórica e a retidão dos seus pontos de vista” como elementos principais de suas análises. Também afirma que seus pontos de vista distinguem-se da opinião dominante “pelo arrojo e lucidez”. Tais características teriam contribuído para fazer dele um autêntico radical, inclusive por aproximá-lo do socialismo.¹¹⁷

Antônio Cândido acredita que,

“Bomfim foi o primeiro a desmistificar a Independência do país, assim como, a natureza e o papel das classes dominantes. Também foi um dos primeiros a rejeitar a noção de superioridade das raças, atribuindo as diferenças a fatores de ordem social e cultural. Ele demonstrou uma extraordinária lucidez e uma visão antecipadora, ao contestar tais teorias.

¹¹² I CÂNDIDO, op. cit. p. 11.

¹¹³ Ibidem, p. 15

¹¹⁴ Ibidem, p. 17.

¹¹⁵ Ibidem, p. 18.

¹¹⁶ Ibidem, p. 19

¹¹⁷ Ibidem, p.20

Nenhum outro pensador brasileiro daquela época teria sido tão lúcido e avançado diante de temas cruciais como a natureza da sociedade latino-americana e, particularmente, do Brasil.”¹¹⁸

Mas Cândido se frustra pelo fato de que pessoas saem das faculdades de história e sociologia desconhecendo a obra de Bomfim. “ Vi jovens doutores de história que nunca leram nem ouviram falar de Manoel Bomfim. Conheci doutores em filosofia que, em todo o seu curso jamais conheceram a sua obra”.¹¹⁹

Em suma, Manoel Bomfim, segundo Antônio Cândido, foi um autor “radical, lúcido e precursor”. Um intelectual avançado para sua época que, apesar da ambigüidade, elaborou interpretações originais sobre o país, ainda que tenha tido seu radicalismo atenuado por idéias reformistas.

Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso

Simone Petraglia Kropf é autora de um artigo intitulado *Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso*,¹²⁰ cujo objetivo é contrapor as idéias de Euclides e Bomfim sobre a sociedade brasileira, no contexto de modernização nacional, na virada do século.

Embora concorde com a interpretação de Flora Süssekind e Roberto Ventura segundo a qual, Bomfim ter-se-ia contraposto ao discurso dominante em sua época, à medida que revertera o uso de categorias científicas então em voga, discorda da perspectiva de que a capacidade de ruptura do autor tivesse sido prejudicada pela linguagem metafórica adotada. Lembrando: para Süssekind e Ventura, Bomfim teria permanecido em “solo ambíguo”, por não ter efetuado uma ruptura definitiva com os paradigmas científicos de sua época, devido ao suposto uso de uma linguagem velha, em vias de ser superada, para

¹¹⁸ Ibidem. p.21

¹¹⁹ Ibidem, p.22

¹²⁰ KROPF, Simone Petraglia. Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Oswaldo Cruz, mar./jun. de 1996. p. 90-105.

expressar novas idéias. Embora Kropf admita a presença dessa *ambigüidade*, que considera como característica dos discursos do início do século, ela seria um indício da distância crítica assumida por Bomfim em relação a tais paradigmas e não um sinal de seu comprometimento com eles. A hipótese é que ele teria conseguido marcar uma descontinuidade em relação ao discurso dominante, rompendo ideologicamente com sua lógica e seus princípios fundamentais.¹²¹

Kropf compreende que,

“Bomfim assumiu uma posição crítica questionadora, em relação aos rumos assumidos pelos projetos modernizadores. Ele e Euclides da Cunha representaram vozes dissonantes aos horizontes do progresso, não por se oporem a essa perspectiva, mas porque introduziram questões importantes sobre o processo de implementação da modernidade.”¹²²

Situa Bomfim entre os intelectuais da “geração de 1870” (“intelectuais engajados”), destacando sua postura crítica e combativa associada à pregação de reformas. Diz que ele foi “extremamente inovador em sua época”, devido à defesa que fez da explicitação dos interesses científicos, negando a neutralidade da ciência. Também teria inovado ao criticar as elites dirigentes e diagnosticar o parasitismo social e sua lógica conservadora, num momento em que o discurso dominante proclamava o progresso com “euforia otimista”. Por fim, afirma que ele introduzira a possibilidade de uma mudança efetiva no processo histórico através da educação popular, além de ter se afastado das visões pessimistas, guiadas pelo determinismo do meio e da raça.¹²³

Para Kropf, a formação acadêmico profissional de Bomfim é relevante para a compreensão de que, a manifestação de suas idéias está relacionada a uma identidade socialmente constituída pela categoria profissional a qual ele pertencia. Assim, a intérprete procura situar o autor em relação à medicina da época, ressaltando que os profissionais dessa área, mobilizados pelo discurso e pelas práticas higienistas, pretendiam “assumir a condição de saneadores das condições físicas e morais da população”.¹²⁴

¹²¹ KROPF, *op.cit.*, p.96.

¹²² *Ibidem*, p. 97.

¹²³ *Ibidem*, p. 100.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 105.

O artigo de Kropf contribui para a construção da memória sobre Manoel Bomfim, discutindo e posicionando-se em relação a outras interpretações sobre o mesmo. Também realiza o trabalho de compará-lo com outro intelectual, seu contemporâneo, ajudando a situá-lo como um pensador crítico, engajado e inovador; alguém que participa dos debates de seu próprio tempo e que, nesta participação, encontra pares, constituindo diálogos. Além disso, ao referir-se a formação médica de Bomfim, abre uma porta para a inserção deste autor no âmbito da história da medicina no Rio de Janeiro, coadunando-se com a perspectiva da instituição mantenedora da revista onde seu artigo foi publicado: a Fundação Casa de Oswaldo Cruz, importante guardiã da memória sobre o saber médico e as ciências naturais no Brasil.

*A questão nacional na Primeira República*¹²⁵

Lúcia Lippi de Oliveira em seu livro *A questão nacional na Primeira República* tem como objetivo compreender como diferentes intelectuais brasileiros se ocuparam do tema da nação e da nacionalidade durante o período de constituição da República, mostrando conexões entre as diferentes propostas de identidade nacional. Bomfim é situado entre os herdeiros da chamada “geração de 1870” e apresentado como membro da boêmia e participante das conferências literárias que então eram realizadas no Instituto Nacional de Música.¹²⁶

Orientada pelo estudo de Flora Süssekind e Roberto Ventura, Lúcia Lippi afirma que Bomfim, ao mesmo tempo em que “inaugurou uma nova perspectiva para o saber científico do seu tempo”, perspectiva marcada pela rejeição da equivalência entre a vida orgânica e a vida social, expressou-se através de uma linguagem e de um esquema de análise comprometidos com o biologismo. Apesar disso, a autora destaca: a) a recusa de Bomfim em aceitar a pretensa neutralidade da ciência, que ele considerava cúmplice do liberalismo econômico e do racismo; b) a aceitação da existência de fatores psicológicos

¹²⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 113-118.

hereditários como elementos definidores do “caráter nacional”; c) a defesa da educação como “salvação nacional”.¹²⁷

Menciona a crítica de Romero a Bomfim, defendendo que a polêmica que se seguiu ao lançamento de *A América Latina* teria tido grande importância na explicação do esquecimento a que o autor foi condenado.¹²⁸ Assim como o trabalho de Roberto Ventura e Sussekind o trabalho de Lippi contribui para situar Bomfim em relação ao contexto da Primeira República. Mais especificamente, ele aparece situado como um intelectual que transitava entre uma visão crítica e uma visão ufanista do país. Este aspecto, ao lado da interpretação de que ele teria sido *precursor* de uma nova perspectiva científica, pode ser visto como parte da memória construída sobre o autor.

¹²⁶ OLIVEIRA, op. cit. p. 113-114.

¹²⁷ Ibidem, p. 115

¹²⁸ Ibidem, p. 117.

Conclusão

Meu primeiro contato com Manoel Bomfim e sua obra foi por meio de um trabalho de faculdade na disciplina Historiografia Brasileira, ministrada pelo professor Rubens Câmara. Tratava-se de um autor esquecido, uma obra pouca lembrada, recuperada na última década do século XX, por meio da reedição de três de seus livros: *A América Latina* (1993), *O Brasil nação* (1996) e *O Brasil na América* (1997).

Intrigavam-me as referências a Manoel Bomfim como um “ensaísta esquecido”, um intelectual “*outsider*”, um “rebelde”, um “radical” rejeitado por seus contemporâneos e, posteriormente, por outros intelectuais.

Manoel Bomfim é um autor que, às vésperas do século XXI, começou a ser resgatado do ostracismo, devido a sua originalidade, comparado a autores considerados clássicos do chamado *pensamento social brasileiro*, tais como: Euclides da Cunha, Silvio Romero, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda.

Aproximei-me de textos (dissertações, tese e artigos) sobre Bomfim e deparei-me com um conjunto pequeno, mas significativo, de escritos que contribuíram, de diferentes formas, para a construção de memórias sobre o autor, classificando-o e a seus textos e situando-o em relação a outros pensadores de seu tempo e de outros tempos.

De acordo com André Botelho, a leitura como é processo de interpretação que, ao final, elabora um novo texto. Optei por lidar com algumas das leituras sobre Bomfim produzidas ao longo de um período que começa ao final da década de 1970, leituras a partir das quais foi possível compor *memórias que consolidaram representações* sobre o autor e seus livros como *personagens da história da inteligência brasileira*. Essas leituras retratavam um personagem obscurecido, mas ainda assim personagem, cuja marca de ser um “rebelde esquecido” parece dominar.

Diferentes interpretações sobre Manoel Bomfim e suas obras foram construídas por diferentes autores de diferentes áreas. Algumas dessas interpretações serviram para alimentar a perspectiva da existência, nas primeiras décadas do século XX, de um *pensamento de esquerda* ou *de oposição a esse pensamento*. Nessa época o meio intelectual era povoado por teoria *racistas, reacionárias e positivistas*, combatidas por Bomfim.

Outras leituras contribuíram para situar o autor em meio ao conjunto de pensadores nacionalistas, herdeiros do ideal ilustrado da “educação como redenção nacional” ou, ainda, como exemplo do intelectual de um “período de transição” (“pré-moderno”, pré-acadêmico, pseudocientífico). Tais leituras teriam produzido interpretações que, só posteriormente, seriam plenamente desenvolvidas. Assim, de variados modos, essas visões inseriram o nome de Manoel Bomfim no conjunto chamado *pensamento político-social brasileiro*.¹²⁹

Esta pesquisa visou construir, um retrato do autor em diálogo com seu próprio tempo, interessado em questões nacionais (particularmente, na educação pública e na escrita da história-pátria) e empenhado em solucionar a tensão entre a busca de neutralidade, como pressuposto para a objetividade científica, e a exigência de comprometimento político e intelectual.

Espera-se que este trabalho tenha permitido constatar que a história das idéias ou história intelectual no Brasil não é constituída por um corpo homogêneo de autores e obras a atravessar o tempo constituindo algo como o *pensamento social brasileiro*. Ela é feita de exclusões e consagrações, o que implica estratégias de escolha. Assim, a importância conferida a determinado autor e/ou livro pode ser questionada considerando-se não apenas os aspectos intrínsecos ao próprio autor ou à sua obra, mas, sobretudo, os *métodos* e os *interesses* de seus intérpretes, de acordo com o contexto em que tais interpretações são elaboradas.

¹²⁹ GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV,9(17):59-84, 1996. p.67. Segundo Ângela Gomes, a expressão *pensamento político-social brasileiro* serve para recobrir “um espaço amplo e diversificado que une a história política à história intelectual (das idéias, ideologias, mentalidades)”.

A análise em conjunto das interpretações sobre Bomfim e sua obra permite constatar a existência de um trabalho de consagração do autor e de sua obra no início do século XXI. Acredito que tal retomada do autor e sua conseqüente consagração, deve-se principalmente ao fato de que na obra de Manoel Bomfim defendeu-se temas que ainda hoje, cem anos depois, permanecem na ordem da política brasileira, tais como: distribuição de terra, legislação trabalhista e previdenciária, educação das massas populares, reforma urbana e política de habitação. Talvez, por essa razão, a obra de Bomfim não perdeu sua atualidade, pois o autor mostra que a triste sina do Brasil e de seu povo é lidar permanentemente com os mesmos e irresolvidos problemas de sua formação social.

Bibliografia

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Brasília: Dep. de Sociologia/UnB, 1997, tese de doutorado. Publicado no Rio de Janeiro pela Topbooks, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural (debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier). In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV,9(17):59-84, 1996.
- IGLÉSIAS, Francisco. Segundo momento: 1838-1931. In: *Historiadores do Brasil*. Capítulos de historiografia brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- KROPF, Simone Petraglia. Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Oswaldo Cruz, (1):80- 98, mar./jun. de 1996.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. *Futuro do passado: uma apologia da América Latina*. Rio de Janeiro: PUC/Dep. de História, dissertação de mestrado, 1997.
- NUNES, Maria Thétis. Manoel Bomfim: 1868-1932. *Revista do IHGB*, ano 155, n.384, jul./set., 1994.
- ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ROMERO, Silvio. *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim*. Porto: Chardron, 1906.
- RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria de Ciência e Cultura do Município do Rio de Janeiro, ano I, (2):48-54, 1984.
- VERISSÍMO, José. Livros e autores de 1903 a 1905. In: *Estudos de literatura brasileira*, 6º. Série. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo: USP,1977.
- SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. São Paulo: USP/Departamento de História, 1990, dissertação de mestrado.
- SUSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim. Rio de Janeiro, Moderna, 1981.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *Futuro do passado: uma apologia da América Latina*. Rio de Janeiro: PUC/Dep. de História, dissertação de mestrado, 1997.

NUNES, Maria Thétis. Manoel Bomfim: 1868-1932. *Revista do IHGB*, ano 155, n.384, jul./set., 1994.

ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROMERO, Silvio. *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim*. Porto: Chardron, 1906.

RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria de Ciência e Cultura do Município do Rio de Janeiro, ano I, (2):48-54, 1984.

SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim*. São Paulo: USP/Departamento de História, 1990, dissertação de mestrado.